

TEMPOS DE BRISA (OU A PARTILHA DO GATO)*

***Por Leonardo M. A. Pinheiro**

Já era tempo de algo acontecer, quando meus pêlos mais distantes se arrepiaram com bater repentino daquela janela talhada em madeira e com o assobio fino da brisa por entre as frestas. Pelo menos, uma reação mais espontânea eu esperava de Joana. Mas, não! Ela permaneceu inerte, vidrada no programa dominical, aquele auditório vespertino na televisão. Não dei muita atenção à ela também, apenas virei a cabeça de lado e me enfronhei todo no sofá novamente.

Se fosse em outro tempo, ela, no mínimo, levantaria de onde estivesse e correria para ver se alguma coisa estava no varal, normalmente avisando a chuva que estava para chegar. Hoje em dia, já nem se admira com o barulho das gotas se esbarrando nas telhas, nem ouve mais aquele chiadinho relaxante... Obrigação, mesmo, vamos dizer assim, ela só tem comigo. Bota minha comida, ajeita o leite, afaga minha cabeça e retorna para ver o noticiário, que já nem a aborrece mais. Melhor então seria se me fizesse companhia durante aquelas refeições cada dia mais frias e secas, sem contar com o leite tão requentado quanto as suas energias.

Essa energia que já anda tão parada, tão carregada de uma nostalgia de fotos empoeiradas, me dá um sono danado, ainda mais com esse friozinho... Se bem que dormir é mesmo a melhor opção. Até porque a brisa não cessava de cruzar por entre as frestas e, insistindo em uivar, fazia o que Joana deveria fazer, anunciava a chuva que já se mostrava perto demais.

Foi quando veio novamente aquela sensação de arrepio de quem sente um frio pelas costas, como se alguém estivesse próximo de te cutucar. Parecia Joana cobrindo minha cabeça com sua mão, ou mesmo o vento lambendo meu corpo. Se não fosse a palpitação, talvez nada mais daria a sensação de algo estranho. Acho que quando dizem que gatos têm sete vidas, é porque nós sentimos, de longe, as mais baixas das vibrações... Não preciso de faro aguçado para saber que algo cheira mal!

E falando em cheiro, era de jasmim ou de dama da noite aquele que a brisa trouxe, me fazendo lembrar o dia do enterro de seu Joaquim. Fatídico dia em que me tiraram deste sofá para captar todo aquele mal agouro de cemitério. Não consigo mais nem ver um crisântemo que espirro. Joana me segurava em seu colo, enquanto velava

o homem durante toda a madrugada. Seu Joaquim era daquele tipo pacato demais, que até morto era neutro. Preferi ficar com Joana mesmo, não tinha outro jeito...

E lembrando do meu velho dono, enquanto dormia, senti como se um lugar no sofá afundasse levemente com a presença de alguém. Minhas patas, em puro instinto e preguiça, reagiram se encolhendo o suficiente para encostar os joelhos na barriga. Antes imaginava que uma situação dessas pudesse acontecer após uma possível idéia infeliz de algum deles de arrumar um outro animal para coabitar o meu ambiente. Isso jamais aconteceu!

Mas não resisti à ingrata curiosidade de saber se minha suposição era verdade, ainda mais agora com Joana viúva. Bem, virei a cabeça e abri os olhos... E lá estava seu Joaquim a me olhar com sua candura neutra. Aff!! Deu-me um calor nas patas, pode ser até que sua energia revigorasse o meu corpo naquele frio. Mas mesmo assim... Que coisa, e aquilo era hora desse homem aparecer?

Ele me olhava suavemente, com uma expressão calma, e dizia: “*meu gatinho, que saudade!!!*” Tudo bem, vai... Miei para ele, esfregando minha cabeça em sua mão, mas já retornando à antiga posição para lambar uma de minhas patas.

Seu Joaquim era daqueles que entendia todos os meus miados de fome, de frio, de carência, de impaciência... Era até mais “mãe” que Joana, em muitas ocasiões. Miei diferente, talvez até em espanto, mas retribuindo a honra da visita. Era a primeira vez que ele aparecia em espírito naquela casa. E continuava a mirar em minha direção com um olhar de complacência, quase que de penúria, enquanto esticava o braço e passava a mão sobre minha cabeça.

Eu senti que algo não ia bem. O velho instinto das sete vidas captava algo no olhar do homem, talvez uma despedida. Dele? Minha? Será que a ração e o leite velho me levariam para o outro lado? Por incrível que pareça, acho que não. Não era isso...

De repente, o controle remoto caiu do braço da poltrona em que Joana passivamente assistia a novela. Barulho tremendo. Susto! Nós olhamos em sua direção e o velho, que ainda não tinha se aproximado de sua amada, deixou escapar no olhar que a sua missão estava ali sentada.

Miei para seu Joaquim, ele entendeu e confirmou o que tinha imaginado. Pediu com os olhos para que eu ficasse ao lado de Joana, me fazendo lembrar do dia do seu enterro. Talvez ele tivesse alguma gratidão por aquele fatídico dia em que me tiraram do sofá para acompanhar Joana durante a despedida dele. Talvez não.

Mas, assim? tão logo, tão rápido, tão inesperadamente? Joana vai mesmo morrer assistindo televisão? Nossa, que morte trágica. Poderia ela, ao menos, sei lá, morrer engasgada com uma bolinha de ração...

Quando nos aproximamos, as energias mais vitais de Joana estavam indo embora. Acelerei o passo. Miei. subi no colo dela, e esfregando a minha cabeça em seu peito ouvi o pulsar de seu coração cada vez mais distante, mais leve, mais fraco... Joana assim partia. Sua mão pesou sobre meu corpo, não aguentei tudo aquilo. Tive de me desfazer daquela situação! Subi na janela e passei a mirar o vento que lambia as plantas no jardim e a rua que já começava a se pintar com os pingos da chuva que chegava. Não quis olhar para trás, mas vi tudo, sabendo que lá estava seu Joaquim para recebe-la, quando abrisse os olhos depois do desenlace. Não demorou, e assim como a chuva e o vento, os dois foram embora.

Já eu cá estou, ainda olhando pela janela, miando como quem chora o desamparo, oferecendo minha companhia para uma outra senhorinha. Quem sabe então Dona Jaqueline, já que tem tão poucos netos... Certa vez fui em sua casa, ela me adorou. Elogiou a minha postura, minha educação, meu companheirismo... Lá tem um bom sofá, acredito que leite e ração também. Seríamos só nós dois. E, pelo que prevejo, a brisa demorará a passar por entre as frestas, insistindo em assobiar nas janelas de sua casa.